

Educomunicação e Saber Popular: O Imaginário Quilombola Sobre a Emergência Climática¹

Emanuelle Caroline Candido da Costa²

Thiago Cury Luiz³

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

RESUMO

A emergência climática afeta de forma desigual diferentes grupos sociais, sendo especialmente grave para populações em situação de vulnerabilidade. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as narrativas comunicacionais voltadas às questões ambientais e produzidas na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, localizada no Quilombo Mata Cavalo. A partir de uma abordagem qualitativa e participativa, foram analisadas narrativas e práticas educacionais desenvolvidas em 2023, durante oficinas e atividades com a comunidade escolar. A investigação considera a educação socioambiental como um dos caminhos possíveis para o fortalecimento do pertencimento frente à crise ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; emergência climática; meio ambiente; Educação Ambiental Popular.

INTRODUÇÃO

A emergência climática é uma realidade cujos impactos recaem de maneira desigual sobre diferentes populações, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social. No Brasil, comunidades tradicionais, como os povos quilombolas, enfrentam desafios históricos relacionados ao acesso à terra, à educação de qualidade e à justiça ambiental.

Assim, para o enfrentamento às injustiças climáticas, a Educação Ambiental se coloca em dimensões epistêmicas, praxiológicas e axiomáticas (PASSOS; SATO, 2013) para atuação em escolas e comunidades tradicionais, seja no âmbito da educação formal ou popular, sob a inspiração de Paulo Freire (2013; 2014; 2018a; 2018b).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação e Educação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FCA-UFMT, email: emanuellecariolnecc@gmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da FCA-UFMT, email: thiago.luiz@ufmt.br

Em convergência, a comunicação em ambientes escolares e comunitários se converte em prática possível em bases da educomunicação socioambiental, cujas influências maiores, neste trabalho, são Soares (2014), Martín-Barbero (2000; 2014) e Gómez (2014). Em comunhão com as pessoas que não são objetos, mas, sim, participantes da pesquisa, as narrativas genuínas manifestam as percepções, as providências e as resistências ante a emergência climática.

Segundo a pesquisa Tic Educação (2020), enquanto 98% das escolas urbanas possuem acesso à internet, na área rural este dado cai para 52%. Em 2019, o índice era de 40%. Quanto ao uso de internet sem fio e o seu acesso, 94% das escolas possuem conexão, mas apenas 45% liberam para uso dos estudantes.

Neste contexto, a comunicação pode assumir um papel transformador, sobretudo quando articulada a práticas educativas que valorizem a escuta, o diálogo e o protagonismo das populações locais. A educomunicação socioambiental, nesse sentido, desponta como uma abordagem para articular saberes, práticas e pertencimentos territoriais.

A presente pesquisa, que conta com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat), busca compreender as formas pelas quais adolescentes quilombolas constroem narrativas sobre meio ambiente e emergência climática, a partir de oficinas educacionais realizadas na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, no território do Quilombo Mata Cavalo (MT). Ao abordar os quatro elementos da natureza (terra, água, fogo e ar) como ponto de partida, a pesquisa propõe um diálogo entre os saberes tradicionais, a fenomenologia da natureza e as práticas comunicacionais que emergem da experiência vivida no território.

Para tanto, as perguntas que orientam esta pesquisa são: [i] de que maneira é possível comunicar a emergência climática vivenciada em um território como Mata Cavalo? [ii] Em que medida as narrativas genuínas sobre dada realidade podem servir como movimento de resistência diante desse contexto de crise?

METODOLOGIA

A metodologia adotada é de natureza qualitativa e participativa, com base na pedagogia freireana. As oficinas educacionais foram realizadas em dois encontros, nos dias 13 e 26 de setembro de 2023, com cerca de 20 estudantes de 15 a 19 anos. As atividades incluíram rodas de conversa, debates sobre justiça climática e racismo ambiental, além da criação, produção e edição de vídeos curtos.

A metodologia, baseada em Paulo Freire, busca romper com o modelo tradicional de ensino bancário, no qual o educador deposita conteúdos prontos nos educandos. Em vez disso, a pesquisa aposta em um processo dialógico, no qual “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, p.12). As oficinas foram planejadas como espaços de escuta ativa e construção coletiva, valorizando os saberes locais e as experiências dos estudantes.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante, registros escritos, atividades envolvendo *post-its* (notas adesivas), além de vídeos produzidos pelos próprios alunos. A sistematização e o tratamento dos dados vêm sendo realizados desde o início deste ano, com organização dos conteúdos por meio de fichamentos, pastas digitais e arquivos compartilhados no Google Drive.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pedagogia freireana é um dos principais referenciais da pesquisa, especialmente no que se refere à valorização da escuta, da autonomia e da consciência crítica. Para Freire (2014), a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos e buscar a transformação dessa realidade a partir da ação-reflexão-ação, ou seja, de um processo contínuo e coletivo de leitura e reescrita do mundo.

A educomunicação, nesse contexto, é compreendida como um campo de intervenção e estudo que busca integrar práticas comunicativas aos processos educativos, promovendo a autonomia, o diálogo e a participação crítica dos sujeitos no ambiente escolar e comunitário. Segundo Ismar de Oliveira Soares (2014), trata-se da “ação planejada para criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos ao diálogo e à expressão simbólica”, com vistas a potencializar a aprendizagem e a formação cidadã. Essa abordagem se alinha à pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire (2013; 2014), que valoriza a escuta sensível, o respeito aos saberes populares e o reconhecimento do educando como sujeito histórico. Para Freire, ensinar exige diálogo, curiosidade e compromisso com a transformação da realidade — princípios que também orientam a educomunicação ao propor uma prática educativa em que educador e educando se reconhecem como cocriadores do conhecimento. Assim, a educomunicação socioambiental se apresenta como possibilidade de mediação entre saberes tradicionais e científicos, fortalecendo o protagonismo de comunidades vulnerabilizadas frente aos desafios da emergência climática.

A fenomenologia de Bachelard também contribui para a pesquisa, ao oferecer uma abordagem sensível e simbólica dos elementos da natureza. Os quatro elementos — água, terra, fogo e ar — são trabalhados não apenas como conteúdos temáticos, mas como experiências vividas, ligadas às memórias, emoções e sentidos atribuídos pelos estudantes à natureza que os cerca.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Nas oficinas realizadas, os estudantes demonstraram engajamento e familiaridade com ferramentas audiovisuais. O primeiro encontro, realizado em 13 de setembro, abordou a temática do meio ambiente e teve início com a exibição de manchetes jornalísticas sobre a crise climática. A proposta era provocar a reflexão e ouvir as opiniões dos estudantes sobre o assunto. No entanto, percebemos certa dificuldade inicial: muitos consideravam a emergência climática como algo distante da realidade do quilombo. Para aproximar o tema do cotidiano, foram exibidos vídeos com depoimentos de vítimas de eventos climáticos extremos, o que ajudou a sensibilizá-los. A ideia era criar uma base conceitual para que, nas oficinas seguintes, os estudantes pudessem relacionar esses temas à sua vivência no território.

Como atividade prática, os adolescentes refletiram sobre os quatro elementos da natureza: água, ar, terra e fogo, a partir dos eixos História, Natureza e Memória. Em posts, registraram suas percepções sobre cada elemento em três momentos: infância, presente e expectativas para o futuro. Em seguida, sob o eixo da Cultura, identificaram e caracterizaram elementos culturais do quilombo, conectando natureza, tempo e identidade local.

No segundo encontro, em 26 de setembro, as oficinas se voltaram à produção audiovisual como forma de narrar a realidade a partir das percepções dos estudantes. A primeira atividade propôs que os participantes identificassem e contassem a história de pessoas importantes para a escola e a comunidade quilombola. Em duplas ou trios, filmaram a si mesmos respondendo à pergunta e entrevistaram alguém da comunidade, majoritariamente professoras e funcionárias da escola. Um grupo, por exemplo, entrevistou a secretária escolar e destacou a figura de Tereza Conceição Arruda — liderança comunitária cuja luta foi central para a construção da escola — como personagem marcante na história local.

Na segunda atividade, a proposta era explorar a relação dos estudantes com o meio ambiente, abordando o uso da horta escolar, a importância do rio para o cotidiano, as

difficultades de mobilidade no território e os impactos do uso do fogo. Assim como na atividade anterior, os estudantes se filmaram e também entrevistaram pessoas da comunidade. A escolha dos cenários e a elaboração das perguntas revelaram maior envolvimento com a proposta à medida que a oficina se desenvolvia. Um grupo, por exemplo, optou por gravar sob uma árvore próxima à horta, enquanto outro gravou ao lado de um mural com a frase “eu amo Mata Cavalo”. As entrevistas abordaram desde o uso do rio para pesca e banho até a percepção de que o fogo, apesar de ser útil na limpeza de terrenos, também contribui para a degradação ambiental.

A última proposta da oficina foi a gravação de um vídeo sobre a Casa da Cultura Quilombola, espaço-memória construído ao lado da escola, onde estão expostos objetos e elementos ligados à história e à cultura do território. A atividade consistia em gravar imagens do local com uma narração explicativa. Os grupos demonstraram bastante envolvimento, preocupando-se com o enquadramento das imagens, o uso de recursos como narração em off e a edição dos vídeos. Um dos vídeos produziu uma espécie de tour, com imagens externas do caminho até a Casa da Cultura, seguidas de explicações sobre os objetos ali expostos e sua importância para a memória coletiva. Ao final, os vídeos foram compartilhados em um grupo de WhatsApp criado especificamente para a oficina.

Esses registros, ainda em fase inicial de sistematização, evidenciam o potencial da educomunicação socioambiental como ferramenta de escuta e expressão, permitindo aos estudantes não apenas reconhecerem elementos de sua realidade, mas também se apropriarem de narrativas e linguagens para expressá-la. O vínculo entre natureza, cultura e território aparece não como algo distante ou abstrato, mas como parte de suas vivências cotidianas, ressignificadas pela mediação educ comunicativa.

A análise de conteúdo será empregada para identificar padrões, temas recorrentes e insights nas produções dos estudantes. A expectativa é compreender como os jovens quilombolas interpretam a emergência climática, conectando-a com suas vivências cotidianas e com o território que habitam. A análise dos post-its (notas adesivas), por exemplo, permitirá identificar o imaginário ambiental da comunidade escolar e suas representações simbólicas em relação à natureza.

CONCLUSÃO

As oficinas propiciaram um espaço onde os estudantes puderam se reconhecer como produtores de conhecimento e de sentido. A pesquisa seguirá com a análise

aprofundada dos dados coletados e a produção de reflexões teóricas e metodológicas que possam contribuir com práticas transformadoras em contextos educacionais e comunitários. Como nos lembra Freire (2015, p.68), “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. É essa educação comprometida, crítica e esperançosa que este trabalho busca construir e sistematizar.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GÓMEZ, Guillermo O. *Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania*. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. Tradução: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 18, p. 51-61, mai.-ago. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>. Acesso em: 04 abr. 2025.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. Notas desafinadas do poder e do saber: qual a rima necessária à educação ambiental? *Contrapontos*, v. 3, n. 1, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/700/553>. Acesso em: 04 abr. 2025.

SOARES, Ismar de O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

TIC EDUCAÇÃO. *Edição Covid-19 – metodologia adaptada*. 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/analises/>. Acesso em: 04 abr. 2025.